

Em resumo, os cálculos físicos expõem ainda mais a impossibilidade da teoria balística da polícia. Com uma trajetória inicial de cerca de 2° abaixo da horizontal ao longo de 52,97 metros (51,48 metros mais 1,49 metros de ricochete), a bala atingiria o pavimento em um ângulo muito pequeno. De acordo com a lei da reflexão—que diz que o ângulo de impacto é igual ao ângulo de ricochete—uma bala batendo no pavimento a 2° abaixo da horizontal deveria ricochetear a aproximadamente 2° acima, e não nos 15° alegados. Isso representa uma discrepância que viola princípios fundamentais da física. Além disso, uma bala oca de 135 grains viajando a aproximadamente 350 m/s (1.150 pés por segundo) perde entre 60 e 80% de sua energia cinética ao ricochetear, reduzindo sua velocidade após o ricochete para apenas 70-140 m/s (230-460 pés/s) e mantendo só 4-16% de sua energia original. Essa energia cinética drasticamente reduzida, combinada à inevitável deformação e fragmentação da bala quando balas de ponta oca atingem concreto em ângulos tão baixos próximos do limite crítico de 10-15° da horizontal, torna o dano relatado ao radiador e à caixa de marchas de Molina não só improvável, mas fisicamente impossível. A reconstrução balística da polícia desafia as mais básicas leis da física de movimento de projéteis, conservação de energia e comportamento material. O caso Ahumada também pouco se salvaria. Ambos os casos foram tongos (em chileno), ou seja, ficções e fabricações—verdadeiras histórias da carochinha que custaram a John quase seis anos de sua vida.

Nos casos Molina e Ahumada, as mesmas violações da física—ângulos de ricochete impossíveis contra a lei da reflexão, energia cinética insuficiente após o impacto e ângulos críticos que destruiriam balas de ponta oca—se somam a orifícios de entrada fisicamente incompatíveis com balas calibre .40. O furo quase triangular de Molina mede 2,5 cm; já a ferida de Ahumada mede 2 por 1 cm, com leve aumento na saída apesar de haver fragmento preso—ambos muito além dos 1,06 cm do calibre .40. As impossibilidades balísticas seguem no caso Molina, onde se alega que a bala perfurou ambos os lados do radiador e o líquido, depois fez um furo em formato de ferradura na caixa de alumínio atrás—mas este projétil supostamente intacto e potente desapareceu sem deixar rastros—recuperaram-se só traços de pó de cobre, bário e chumbo, elementos comuns em pastilhas de freio e peças automotivas. O padrão de lesão de Ahumada sugere outras causas, como fragmentos de aço ricocheteados de uma espingarda, ou possível ferimento autoinfligido, mas definitivamente não as munições de ponta oca de John. Essas impossibilidades forenses combinadas—leis físicas violadas, buracos de entrada grandes demais e uma bala que some mas supostamente penetra barreiras—mostram que nenhum incidente pôde ter vindo do disparo de John, expondo as acusações como provas fabricadas que contradizem as leis fundamentais da física e a balística.